

AMIÚDE

CARTAS PARA CRIS

AMIÚDE

CARTAS PARA CRIS

por MIRIANE FIGUEIRA

“Amiúde – cartas para Cris” é um rito de passagem, um rememorar saudoso e uma carta de amor. Um trabalho afetivo que insiste em permanecer nos intervalos da dor e da beleza, lembrando que a memória é feita de restos, de rastros, e de encontros — ainda que temporários — com o que já se foi.

Há imagens que nos acompanham como um patuá. Outras, nos faltam. E é nessa ausência que a memória (ou a falta dela) se torna insistente. Em “Amiúde – cartas para Cris”, te convido a visitar o terreno delicado da ausência, onde o luto e o afeto se entrelaçam como uma gota de chuva que persiste, amiúde.

A exposição nasce de uma experiência íntima: a morte precoce de minha irmã, Cris, aos três anos de idade. Aos nove anos, encontrei nos álbuns de família um refúgio. Passei a recortar fotografias, transformando retratos cotidianos em 3x4. Em gesto simbólico de amor, carreguei um desses retratos na carteira, que “não tinha dinheiro, nem documentos, só um bocado de preciosidades”. O que sobrou desses recortes tornou-se esta série de oito fotografias minhas com minha irmã, feitas pelo olhar amoroso de nossa mãe.

Ao centro da sala, duas camas de solteiro. Uma está vazia. Ambas ressoam como uma metáfora do que ficou: a ausência e a presença do silêncio se instala no dia seguinte à perda.

Ao lado da porta, há também uma carta, escrita por mim para Cris — um testemunho da elaboração do luto ao longo de 30 anos. A carta está disponível para leitura aqui ou em casa. Convido você a se sentar em uma das camas, se desejar. O luto demanda tempo e trabalho. E aqui há tempo, há espaço e há afeto. Tome o tempo que precisar.

Por fim, a exposição propõe um gesto de partilha: uma obra que não se encerra no espaço expositivo, uma obra para ser levada embora. Cada visitante pode levar consigo um pequeno fragmento em 3x4 de uma imagem de Cris ampliada e distorcida, como quem carrega uma lembrança de alguém que ama. Essa peça compõe uma espécie de quebra-cabeça em uma relação simbólica com a memória coletiva. A imagem só poderia ser inteiramente vista caso

todos os que passaram por esta exposição e levaram consigo um pedaço desta imagem se reencontrassem. Que ao levar este fragmento encontrado em suas mãos, você também leve a presença silenciosa de quem nunca nos deixa por completo — um convite para manter viva a memória de quem amamos.

“AMIÚDE - CARTAS PARA CRIS”

DOBRAS NO TEMPO

Numa inversão só possível no campo da linguagem, Miriane Figueira pelo gesto aparentemente simples de recortar a figura da irmã precocemente falecida das fotografias do álbum familiar, acaba por presentificá-la pela falta e, desse modo, inventa dobras no tempo nas quais ausência e presença se sobrepõem. Indo além, a artista recria o quarto/contexto dessa irmandade e narra, numa carta para a irmã, as reverberações de sua partida, num procedimento de montagem, montagem de “memórias involuntárias e tempos heterogêneos”, que funda uma geografia sensível, mesmo que intangível, para esse relacionamento. Se o par visualidade e enunciação localizam esse trabalho como arte contemporânea no campo ampliado, também, e ao mesmo tempo, ele escapa à localização e transborda para outros territórios em devir quando pode ser lido como um exercício sensível que nos responde a como a arte pode dar contorno a uma falta.

Milla Jung



CARTAS PARA CRIS

Não sei se você sabe, Cris,

mas eu me tornei artista. Deve ter sido pelo gosto de nossa mãe por fotografia, ela sempre foi muito boa em ser essa grande guardiã da memória. Eu sinto que essa é a herança mais bonita que ela me deu. Ainda hoje, perco (ou ganho) horas tentando decifrar os rabiscos que ela deixa no verso das fotos com informações valiosas, ela sempre detalhou muito bem todos os acontecimentos de cada dia fotografado. Uma preciosidade.

Aos nove anos, quando você se foi, fiz dos álbuns de família meu refúgio: recortei imagens, te observei e nos admirei pelo olhar de nossa mãe, até que comecei a recortar, comecei a te tirar das fotografias, mas em um caminho contrário daquele que tira para “matar o outro” sabe? Eu não queria fingir que você nunca existiu, eu não queria deixar mais evidente ainda a dor que ficou na ausência, eu te tirava das fotografias para te guardar comigo. E, eu só me dei conta que aqueles restos de fotografia, que ficaram no álbum, eram um trabalho aos 26 anos, quando comecei a pesquisar fotografia e memória na faculdade. Este trabalho ficou na gaveta desde então, não sei se por medo, vergonha ou dor. Esse negócio de ser artista coloca a gente em uma situação bem desconfortável às vezes. Tem uma autora que eu gosto muito que se chama Chimamanda Ngozi Adichie, ela publicou há pouco tempo um livro que se chama Notas sobre o luto no qual ela elabora a morte de seu pai. É um acalanto. Logo no início ela escreve que a gente “aprende o quanto o luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras” e eu acho que foi isso que entendi quando o luto por você bateu à minha porta mais uma vez, foi aí que eu te escrevi esta carta.

Este trabalho sobre você, ou sobre o luto por você, é sobre te celebrar, Cris. É uma dessas empreitadas desconfortáveis que, no meio do processo, eu me pergunto por que raios eu me meti nisso. O que sobrou de você está escondido de mim mesma desde sua partida, está preso em uma pastinha de plástico transparente, abandonada num canto da memória, empoeirada, vendo o tempo passar, sabe? Eu só mostrei este trabalho para poucos colegas de faculdade, alguns professores e amigos muito íntimos, as pessoas se emocionam quando (não) te veem.

Tem um verso do Manoel de Barros que me faz lembrar de você: “Do lugar onde estou, já fui embora”, queria me apropriar deste verso para batizar esta série, mas não sei se posso. Você ocupa um lugar na minha vida de partida, me lembro do que de você se foi, e o que fica. Lembro que você não está mais aqui, fisicamente, mas a memória insiste em me lembrar que você ainda tá aqui, presa em mim em um lugar sem endereço certo, confuso, quase que num labirinto que por vezes é pequeno, miúdo, como uma gota da chuva que persiste, amiúde, e que por vezes é gigante, um buraco branco, grande, imenso que toma conta de tudo e eu, por falta de mais palavras que deem sentido, só consigo chamar de saudade.

As pessoas falam que eu sou pragmática, isso porque não te conheceram, você sempre foi mais objetiva e direta do que eu no alto dos seus 3 aninhos arianos. Foi muito triste te ver desaparecer tudo, deixar de falar, andar, brincar, se alimentar, e ver crescer aos poucos um enorme vazio. Era como se, com a multiplicação desenfreada do câncer, a gente fosse perdendo um pouquinho de você. A gente não aprendeu a lidar com a possibilidade da morte de uma criança, é quase incoerente com o curso da vida. Na época em que vivemos

seu adoecimento, a casa ficou silenciosa, eu sentia falta da sua risada, da sua rapidez de pensamento, e até da sua acidez natural.

Desde muito cedo percebi que todo mundo carregava a foto de alguém que ama na carteira. Queria saber o porquê. Talvez tenha alguma relação com coisas valiosas demais: o dinheiro, os documentos, os patuás. A carteira parece um bom lugar para guardar também uma imagem de quem amamos.

Nossos pais sempre nos ensinaram a cuidar bem das coisas, então, desde muito cedo, eu já tinha uma carteira. Eu não tinha dinheiro, nem documento, só um punhado de preciosidades. Eu lembro que, logo que você morreu, me dei conta que eu não tinha uma 3x4 sua para guardar comigo o tempo todo. Foi então que comecei a recortar as nossas fotografias transformando qualquer retrato nosso em um 3x4. Deixava o resto da fotografia lá, intacto no álbum, esperando a hora da bronca. Já disse que a mãe ficou brava quando soube? O olho dela ficou verde como de costume. Você sabe.

Aquela foto ali, na parede ao lado, distante das outras, foi a primeira foto que recortei, era meu aniversário, eu saí mais cedo da escola porque peguei catapora - que presentão! O pai não deixou eu entrar no quarto até ele chegar para o almoço, ele queria ver a minha reação ao ganhar a minha primeira bicicleta, tive que esperar do lado de fora de casa, lembra? Junto com a bici tinha uma carta - o pai gostava de cartas. Quando li a cartinha com as recomendações dele me emocionei e comecei a chorar, e você começou a rir de mim, com sua boca banguela de um bebê que acabara de completar seu primeiro ano de vida, e a mãe tirou a foto da sua gracinha e da minha cara de choro, você sempre foi meio debochada, a gente achava graça.

Hoje você completaria 30 anos, eu com essa idade estava em crise. Crise que me mobilizou para meu primeiro prêmio, meu primeiro apartamento, meu primeiro carro. Meu terceiro ou quarto luto de nosso pai.

Quando você se foi, todos nós sentimos a sua falta, doeu um tanto, ainda dói às vezes, mas acho que quem menos soube lidar com isso foi o pai. Você deve saber que ele morreu. Aliás, bem que você poderia me contar se existe céu mesmo, né? Se realmente a gente encontra quem ama depois da morte, ou se a gente é só um monte de células agrupadas que vira adubo, e tudo acaba ali, sem nada depois. Esse negócio de espírito é mais uma criação para dominar nossos corpos? Essa culpa que vem depois que alguém morre serve pra quê? Me conta?

O pai caiu nessa armadilha, se tornou alcoolista, não por culpa de ninguém, mas foi o que aconteceu, foi a forma que ele encontrou para lidar com essa e tantas outras dores. Os lutos das mortes dele são diferentes do luto da sua morte. Lidar com sua ausência quando eu tinha apenas 9 anos e você 3 me transformou demais e me trouxe até aqui, me fez olhar com cuidado para as relações, para os amigos, para a mãe, é quase incoerente falar de morte e lembrar da vida, celebrar a vida. Já com a morte do pai foi diferente, eu ensaiei a ausência/morte dele tantas vezes que nem sei. Ele perdeu tantos vínculos por conta do álcool que eu já nem sabia mais quem ele era. É triste, mas a morte dele justificou o abandono, coisa que me trouxe uma sensação de alívio, e, olha, tentaram me empurrar a culpa goela abaixo, parecia errado relaxar os ombros quando ele morreu.

Às vezes fico me perguntando o quanto a sua vida (ou presença na ausência) transformou a minha vida.

Será que a gente teria vindo morar em Curitiba se você não tivesse morrido? Como seria minha relação com o carnaval se você não tivesse morrido em uma época de festa? Como seria viajar sem o medo paralisante de uma notícia/diagnóstico seu?

Logo que você se foi, eu e a mãe pintamos uma plaquinha de “vende-se” e colocamos na frente da nossa casa, vendemos, colocamos tudo em um caminhão e viemos pra cá, o pai não teve muito o que fazer, achei essa uma das atitudes mais corajosas de nossa mãe. Aliás, há pouco tempo descobri o quão incrível ela é. Você teria orgulho da mulher que ela se tornou depois que se separou do pai.

O luto pela sua morte, Cris, perto de seu aniversário, sempre é uma preocupação com a nossa mãe, tento silenciosamente levar ela pra comer fora, sem ela se dar conta que tô comemorando seu aniversário com ela. Todo dia 24/03 tem pastel de queijo, ela ama.

Você foi embora em um dia de chuva. Não sei ao certo se você era uma criança que tinha total consciência sobre o que estava acontecendo com você, mas, quando você ainda conseguia falar, lembro que vinham umas frases meio impactantes. Teve um dia que você viu uma tempestade, achou bonito e disse:

“EU VOU EMBORA COM ESSA CHUVA.”

Eu lembro com clareza como percebi que você havia morrido. Eu estava na casa de uma tia, era de manhã, fazia calor, e eu brincava com uma priminha em uma piscina de mil litros, daquelas azuis, sabe? Era um lugar gostoso, debaixo de várias árvores, eu estava feliz. De repente tocou o telefone lá dentro, meu tio atendeu e voltou com um semblante de

que algo de errado havia acontecido. Ninguém me falou nada, silêncio. Mas, de algum modo eu sabia que você tinha ido embora.

Rapidamente saímos da piscina, e fomos para o hospital, sem falar uma só palavra. Não sei se foi despreparo, desconhecimento ou simplesmente tristeza demais, mas, quando vi, estava em uma sala nos fundos do hospital, perto da capela, encontrei a mãe com você, ali eu entendi o que estava acontecendo. Você estava ao lado da mãe, sob uma mesa de inox.

Velório é um troço meio estranho, sempre rola uma briga, uma fofoca, uma tristeza, muitas lembranças e muito sentimento de culpa. Não foi diferente no seu.

Não lembro de ter visto o pai neste dia, lembro só da mãe, muito triste, cansada, lá longe. Nesta época eu era cuidada por todos, de casa em casa, de amigos a parentes, e, logo que seu enterro aconteceu, umas amigas que moravam na mesma rua que nós ficamos na responsabilidade de me levar embora, lembro de alguém contar uma piada para melhorar o clima enquanto esperávamos o ônibus protegidos da chuva. Eu ri. Imediatamente um tio que estava atrás de mim me puxou de canto e falou “Sua irmã acabou de morrer e você está rindo?” Eu tinha 9 anos. O quê uma criança de 9 anos sabe sobre a morte?

É engraçado, eu lembro exatamente do dia em que a mãe me contou que estava grávida de você. A gente tinha acabado de se mudar, morávamos em uma casa boa, bonita, destas casas da Cohab, sabe? Pobre, mas confortável. De repente veio uma crise econômica, nossos pais perderam tudo, inclusive a casa. Tivemos que nos mudar para um lugar que era uma

ocupação, sem saneamento básico, sem pavimento, uma casa sem portas, janelas e acabamentos, eu vivia com os braços arranhados do chapisco nas paredes. Vivemos um tempo meio acampados, mas aos poucos as coisas foram se ajeitando.

Quando já estávamos mais acomodados, a mãe me sentou na porta de casa que tinha um degrauzinho e me contou que a gente tinha se mudado para receber mais uma pessoa na família, você. Eu fiquei meio confusa, e pedi a ela que você fosse um menino. Foi difícil entender que eu não seria mais filha única, lembro de repetidas vezes falar que se você fosse menina iria te afogar na piscina de mil litros, risos. Mas, quando você nasceu, eu comecei a gostar da ideia de ter uma parceira de brincadeira. O ciúmes aparecia vez ou outra: na frustração de não ter uma festinha de aniversário logo que você chegou, na birra por atenção e até na recusa em aparecer nas fotos com você. Odiava ter que dividir meu pacote de trakinas de morango com mais alguém, mas gostava de ter você na cama ao lado. A gente vivia na escassez, e agora, mais velha, consigo entender o que significava ter mais uma boca para alimentar, isso fazia eu abrir mão do pouco que eu tinha e dividir contigo.

Lembro do último dia que te vi viva, eu fugi de você, por orientação da mãe. Estava indo ficar uns dias na casa de um tio, a sua saúde parecia não estar bem, e precisávamos deixar a rotina mais leve para a mãe. Ela contou que depois disso você chamou por mim várias vezes e convulsionou a ponto de ter que ser internada pela última vez. Quando alguém muito próximo morre a gente fica presa na culpa.

SERÁ QUE SE EU TIVESSE ME DESPEDIDO DE VOCÊ SUA CRISE NÃO TERIA TE LEVADO À MORTE?

Olha que absurdo! É como se o meu desejo/presença/atenção fossem o suficiente para manter alguém vivo. Talvez dentro da gente sim. Mas, materialmente falando, é um fracasso total.

Seu luto apareceu intensamente aqui algumas vezes, e é engraçado pois, às vezes, ele aparece por lugares que eu não imaginava. E tenho certeza que ele ainda vai aparecer sem aviso muitas outras vezes.

Você morreu um pouco antes de eu entrar na adolescência. Se as coisas estavam ruins quando morávamos em Canoas-RS, aqui em Curitiba elas pioraram um tanto. Além de ter que lidar com sua morte, o pai ficou desempregado por pelo menos uns 3 anos e começou a fazer uso de álcool com uma frequência maior do que o aceitável, a mãe ficou depressiva um tempo e depois se apegou à religião, e eu, bom, eu... eu nem sei como consegui trilhar a adolescência sem me meter em nenhuma cilada mais grave. A nossa família se fragmentou, e hoje eu entendo que é quase impossível dar suporte a alguém quando a gente mal consegue cuidar de si.

Eu lembro de uma adolescência solitária, com um senso de responsabilidade maior do que deveria ter, com uma falta de vontade de voltar pra casa no fim do dia após a escola e o estágio, uma tristeza sem tamanho e um gosto meio amargo em tudo, gosto que não necessariamente carregava seu nome, mas estava ali também, confuso, violento.

Nossos pais se separaram quando eu tinha 21 anos. O pai voltou para Porto Alegre, mas, antes disso, lembro de ter ficado pelo menos uns 4 anos morando na mesma casa que ele sem conseguirmos trocar uma só palavra, só tínhamos o silêncio. Os amigos que cultivo desde essa época vira e mexe me falam que naquele tempo eu era brava demais. Eu não sabia/podia ser diferente? A maioria deles não fazia idéia do inferno que estava acontecendo na nossa casa.

Esses tempos lembrei de quando te vi pela primeira vez no hospital: uma moça me chamou antes de eu entrar no seu quarto, não sei ao certo se ela era psicóloga ou assistente social, sei que ela estava ali para me observar. Ela se abaixou, pegou na minha mão e disse: “Sua irmã está doente, eu sei que você está triste, mas vou te pedir para você não chorar na frente dela, tá bom?”, segurei o choro, entrei no quarto e fiz carinho no seu cabelo liso - que você tinha orgulho de falar que era igual ao da mãe, pra me provocar. De longe, a moça me observava e balançava a cabeça em sinal de aprovação.

Eu acho que foi nesse momento que eu entendi que não podia demonstrar fraqueza, e conter um sentimento não é necessariamente saudável. Isso explica o gosto amargo, a rigidez e a frieza pra lidar com algumas situações (adianto que não me orgulho).

Bom, a essa altura você já deve saber que eu aprendi que tá tudo bem demonstrar minhas vulnerabilidades, e que sim, eu sinto, e sinto muito. Chega a ser cafona às vezes, você iria rir da minha cara, não tenho dúvidas.

Eu consigo lembrar da voz na minha cabeça perguntando “Por que comigo?” frase que martelava repetidamente quando atravessei aquela porta gigante do hospital onde recebemos o

seu diagnóstico: câncer no cerebelo. Com sua idade, era uma sentença, questão de tempo. Foram nove meses entre idas e vindas do hospital, quase uma gestação de sua morte. Eu tive que crescer tão rápido que a porta do hospital diminuiu com o passar dos meses, ela já não era tão imponente quanto da primeira vez.

A gente acha que passado fica no passado, mas não, ele vira e mexe aparece aqui como sintoma, eu fico tentando encontrar sentido em algumas coisas que sinto mas, cada vez que seu luto aparece, me sinto encurralada como naquele joguinho do pac man. Fico pensando como foi para a mãe, como foi cuidar de ti, entender que sua filha estava morrendo, ter uma outra filha pulando de casa em casa e ter um marido completamente em negação. Ela sonhava muito com você, eu tinha inveja! Sonhei com você uma única vez, sabe essas coisas de que quando alguém morre e aparece em sonho a gente entende que é uma visita do morto? Então, eu sentia que você havia me abandonado e nem em sonho aparecia, ficava com raiva cada vez que a mãe contava um sonho contigo. A mãe aguentou muita coisa e não endureceu, segue sendo doce. E agora? A mãe é uma questão! Como contar para ela que secretamente eu elaboro seu luto através do olhar dela sobre nós e que isso virou este trabalho? Eu não tenho o direito de empurrar ela pra esse luto mais uma vez. Aliás, você sabe o que ela fez com seus vestidos brancos?

Eu perdi boa parte das memórias sobre você, não lembro da sua voz, do seu cheiro, nem mesmo da maioria das suas piadas. Existe um grande vazio do período em que você esteve doente que eu fico preenchendo com histórias que me contam sobre você. Mas acho que uma das memórias mais vívidas que tenho sua é de seu encantamento pelas flores

beijoqueiras, você tinha o hábito de catar umas maria-sem-vergonha no quintal e carimbar nossas mãos com um beijinho de flor, você morria de rir quando espremia a bolinha que guardava as sementes.

Soube em uma viagem a Porto Alegre que você gostava de sorvete de milho, desde então passei a sempre que possível acrescentar uma bola desta iguaria em meu pedido, você tinha bom gosto.

Eu fico tentando encontrar memórias suas sempre que posso, às vezes uma ou outra aparece do nada. Acho que meu cérebro entendeu que devia guardá-las como um tesouro perdido, só esqueceu de me entregar o mapa, então, uma vez ou outra, quando ele acha necessário ele solta uma pista, malandrinho. Talvez por isso na maioria dos meus trabalhos autorais penso sobre a memória: a afirmação, a ausência, a busca por ela. Na memória cabe tudo, cabe nada, cabe imaginação e um tanto de verdade; às vezes fica confusa, turva, mas de alguma maneira segue ali, como um traço do que foi um dia, buscando insistentemente a permanência. A fotografia é quase como chave, como a ferramenta que abre a porta para o afeto, acho bonito que quando a gente vê uma foto nossa da infância e narra o que aconteceu, a gente na verdade não lembra deste dia, só está contando uma história que alguém nos contou. Nossa memória é coletiva. Minha memória de você é coletiva.

Cris, aqui me despeço. Ouvi estes dias que o luto demanda tempo e trabalho, e eu levei isso a sério: demorou um tempo e virou um trabalho, risos.

Eu transformei sua memória em um presente, e cada pessoa que passar por aqui pode levar consigo um pedacinho

de ti, um pixel ou um fragmento. Essa imagem em 3x4 dentro deste plastiquinho que está ali perto da saída é um pedaço de um retrato teu, não parece, não é possível te ver nele, é quase um quebra cabeças de ti, uma metáfora que é quase cafona. É uma tentativa de materializar o que sinto quando lembro de ti.

Eu ampliei aquela sua imagem da minha carteira, sabe? Imprimi em uma escala que quase não é possível te reconhecer, um erro para os puristas fotográficos, recortei demoradamente inúmeros papéis fotográficos de sua imagem distorcida, quase como se fosse um quebra-cabeças, de modo que você só poderia ser vista quando, e se houvesse necessidade de, todos os que receberam esse mimo/pixel se encontrassem. Sua memória só é possível no coletivo, na junção de fragmentos que me contam de ti, no que o eu e o outro cria de você nesse precioso espaço afetivo de um 3x4.

Durante todo este tempo fiquei me perguntando o que a gente faz com a dor, com o amor, com a culpa, com a saudade, com o alívio, com a raiva e com tantos outros sentimentos que aparecem quando a gente se depara com a morte. Eu fiz este trabalho.

Até logo menos, pequena.

Com saudades.

Mirinki

"Eu vou embora com essa chuva"













FOTOGRAFIA 01
Página 13



FOTOGRAFIA 02
Página 12



FOTOGRAFIA 03
Página 17



FOTOGRAFIA 04
Página 09



FOTOGRAFIA 05
Página 16



FOTOGRAFIA 06
Página 18



FOTOGRAFIA 07
Página 14 e 15



FOTOGRAFIA 08
Página 10 e 11

*(...) eu fico preenchendo com histórias
que me contam sobre você.*

Depois da chuva, use este espaço
para lembrar lembranças.



EXPOSIÇÃO









AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Iliene Pacheco, que todos os dias me ensina sobre a doçura da vida, mesmo quando o caminho é sinuoso. À minha irmã, Cris (em memória), pela sua breve passagem que me fez chegar até aqui. Ao Roberto Figueira (em memória), por me ensinar a ter olhos de águia.

Aos meus queridos amigos-irmãos, que me acolheram com carinho e seguraram minha mãozinha durante o processo desta exposição: Andressa Fressato, Leo Fressato, Dil Nascimento, Rubia Divino, Lucri Reggiane, Isbella Brasileiro, Gabrielle Windmueller, Igor Pedrosa, Luiz Damacena, Maíra Nery, Barbara Campelli, Julia Klüber, Luciane Alves, Carol Pacheco e Thiago Hoshino.

À Milla Jung, pela delicadeza na interlocução de um caminho trilhado com afeto desde a concepção até agora. À Margoth da Cruz, por ser grande arquivista da minha memória e ajudar a organizar tantas lembranças. À Flávia Santos, presente raro, anunciado em sonho e acolhido com gratidão.

Tudo o que aqui se vê (e não se vê) carrega um pouco de cada um de vocês. Obrigada!

FICHA TÉCNICA

Artista: **Miriane Figueira**

Imagens de acervo pessoal:

Iliene Pacheco

Produção executiva:

Flávia Santos

Interlocução: **Milla Jung**

Psicóloga (Contrapartida Social):

Margoth Nandes da Cruz

Palestrantes (Contrapartida

Social): **Deby Eidam e**

Margoth Nandes da Cruz

Direção de Arte:

Gabrielle Windmuller

Montagem: **Fernanda Stancik**

Pintura de arte: **Leandro Lino**

Transporte de objetos:

Maurílio Manoel Bento

Iluminação: **Lucri Reggiane**

Molduras: **Festina**

Impressão: **Ticcolor**

Gráfica: **Capital**

Designer: **Brenda Santos**

Assessoria de Imprensa:

Letícia Costa

Revisão textual: **Luciane Alves**

Consultoria de acessibilidade:

Talita Grünhagen

Roteirização para audiodescrição:

RC Audiodescrição &

Acessibilidade

Voz em áudio descrição:

Miriane Figueira

Monitoria: **Rodrig Mello**

Fotografia: **Miriane Figueira e**

Eloisa Malta

Vídeo: **Dan Oliveira**

Capa: Nettuno Blue Navy 280g

Miolo: Malmero Perlé Blanc

Lâmina especial: Pergamenata 110g

Carta: Avena 80g

Tiragem: 150 unidades





INCENTIVO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, MINISTÉRIO DA CULTURA E GOVERNO FEDERAL